

DOMINGO, 6 DE SETEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2075

Nas vésperas do I Congresso Confederal (IV Congresso Nacional Operário)

Constitui uma verdade histórica o valor das assembleias operárias. A pouca liberdade que os povos hoje usufruem, pode afirmar-se sem receio de desmentido, deve-se às pressões exercidas pelas assembleias populares, quer sobre os estados, quer sobre os vários sistemas de exploração que a história enuncia. As regalias populares codificadas, nada mais representam do que a sanção legal de conquistas conseguidas pelas minorias conscientes e perseverantes que, na esteira luminosa do progresso, têm deixado os corpos sanguíneos dos seus mártires, como postes marcantes de gloriosas etapas. A comprovar a involuntariade que os estados põem na consignação legal dos direitos populares, temos contemporaneamente a luta constante em que o operariado se agita para conseguir que o capitalismo e o próprio Estado respeitem as leis benefic和平as que promulgaram. E o respeito por essas disposições legais varia segundo o grau de resistência e a capacidade revolucionária dos interessados.

Todas as grandes regalias conquistadas—e codificadas—nos períodos aureos do operariado, quando ele se afirma unificado e activo, vacilam quando a desagregação e a inactividade se manifestam.

Têm, pois, uma influência indiscutível na situação melhor ou pior do operariado; os fluxos e refluxos da massa nas suas reuniões, quer estas sejam simples assembleias de classe quer se produzam como complexos congressos corporativos ou tenham a suprema importância dum congresso nacional. Na vida social, assim como o indivíduo isolado é um valor nulo, um zero, podendo também ser um valor negativo e pernicioso, um agrupado de individuos—um sindicato—isolado, não corresponde ao seu papel. E se um sindicato operário se afirma vitalmente quando as suas assembleias comportam um número grande de elementos duma classe, possuídos duma mentalidade mediana, essa vitalidade e esse valor multiplicam-se

quando se trata duma reunião de sindicatos em congresso.

Agora que estamos a poucos dias da realização de alguns congressos na cidade de Santarém, alguns corporativos sucedidos pelo Confederal, é mister que todas as atenções do proletariado convirjam no sentido de dar a essas magnas assembleias o máximo brilhantismo, de modo a que delas resulte a maior soma de benefícios, não só para as classes que ali se façam representar como para todos os que mourem e que têm direitos incontestáveis postergados pela sociedade vigente.

Sabemos que, mercê de factores resultantes da crise grave que nos assoberba, a concentração de representantes de classes num ponto, em Congresso, só é factível por uma soma grande de esforços e, quicá, de sacrifícios. Esses sacrifícios, porém, são indispensáveis; e se se atender aos benefícios que daí resultam, ninguém, nenhuma classe deve deixar de sacrificar-se para de viva voz afirmar seus anseios de liberdade, dando a sua cota parte, para um trabalho a todos proveitoso.

Repetimos: as assembleias populares, os congressos operários, são dum valor incontestável. Neles o operariado forja as lutas que hão-de quebrar-lhe as algemas, e constrói pouco a pouco o edifício ideal que hár-de erguer-se sobre os escombros da carcassa, corroída já, do velho mundo do despotismo.

Vamos. E' conjugar esforços! Que de todos os centros do país o operariado se apreste a reunir em assembleias, nomeando de entre si os elementos mais capazes de, quer nos congressos corporativos, quer no Congresso Confederal, em representarem o sentir das suas classes.

Os congressos terão mais ou menos brilhantismo e os seus resultados serão de tanta ou tão pouca praticabilidade, quanto for o grau de conhecimentos e de boa vontade dos congressistas, cuja única preocupação deverá ser a de bem servirem a causa da Emancipação Humana.

A CRISE MINEIRA INTERNACIONAL

Duzentos mil mineiros em greve na América

No dia 1 deste mês puseram-se em greve 200.000 mineiros das minas de antracite da Pensylvânia.

Quando se efectuou o congresso dos mineiros de antracite da região da Pensylvânia, a ala esquerda sindical propôs um programa de acção clara e precisa.

Entre outras reivindicações (abolição do trabalho de menores, abolição das leis contra o chamado sindicalismo criminal, apoio ao partido Trabalhista da Pensylvânia) foi feita também a de um aumento de salário de 10%.

Os delegados da ala esquerda provaram que os magnates da antracite tinham realizado durante estes últimos nove anos, quer dizer depois da entrada dos Estados Unidos na guerra, benefícios de milhões de dólares, enquanto que os mineiros apenas ganhavam o necessário para não morrerem de fome.

Hoje que o custo da vida aumentou assustadoramente, os patrões mineiros, vendendo apenas a crise carbonífera, internacionais, procuram reduzir os salários novamente, e esperam consegui-lo, supondo ter do seu lado o grande número dos sem trabalho.

A ala esquerda propôs pois, para ir ao encontro deste novo ataque patronal, que os delegados mineiros se puzessem imediatamente em contacto com os patrões exigindo um aumento de 10%, dizendo mais, que, se esta legitima pretensão não era satisfeita, os mineiros sabê-lo-iam conquistar pela greve.

O congresso adoptou com tal entusiasmo esta proposta que até o presidente reacionário da União dos Mineiros, Lewis, se viu forçado a aderir.

Ainda a propósito da falta de água queremos contar aos nossos leitores um episódio edificante: ontem no hospital de São José os médicos operadores pretendiam fazer uma operação e não puderam. Faltava-lhes a água que é, em tais emergências, necessária e em abundância. Só ao cabo de três horas de espera, puderam, enfim, executar o seu melindroso trabalho.

E continua...

Ainda a propósito da falta de água queremos contar aos nossos leitores um episódio edificante: ontem no hospital de São José os médicos operadores pretendiam fazer uma operação e não puderam. Faltava-lhes a água que é, em tais emergências, necessária e em abundância. Só ao cabo de três horas de espera, puderam, enfim, executar o seu melindroso trabalho.

O conflito germano-polaco

A fronteira alemã tem sido violada

BERLIM, 5.—Segundo telegramas inseridos nos jornais, desfazimentos militares polacos violaram a fronteira alemã em vários pontos, por três vezes, nos últimos dois dias.

Os alemães vão expulsar mais polacos

PARIS, 5.—O bálgaro Kolhoff, instigado da agressão de que estiveram prestes a ser vítimas, nos Campos Elíssios, o presidente e vice-presidente de Sofia, foi detido em Jeumont, quando pretendia entrar em França com um passaporte falso.

Prisão do bálgaro Kolhoff

Transcrição oportuna...



Transcrevemos de um dos últimos números de "O Século": «A polícia está brutalizando os presos sociais que se encontram encerrados, há meses, em imundas enxovias. As torturas de que têm sido vítimas igualam-se às que se exercitam na Rússia, no tempo do czarismo.»

A Cooperativa dos "Chafeurs", que brevemente inaugura o serviço de "taxis", dotará Lisboa dum grande melhoramento

Lisboa vai possuir um serviço de "taxis" — Como foi encarada a vossa iniciativa nos meios automobilistas? — Os patrões dos carros de praça não a podem tragar, como é natural. Alguns "chafeurs", por não compreenderem o grande alcance da Cooperativa, também recrutarão com indiferença a ideia. — Todavia ela é vantajosa... — Como acabou de ver, E' notável, ao contrário do que se insinua, dentro da cooperativa só trabalharão profissionais assalariados, sendo limitado a 5, o número de ações de 100\$00, podendo cada cooperativista, ao abrigo do código comercial fazer os suprimentos que a Cooperativa carecer para o seu regular funcionamento. Convém igualmente frizar que o número de sócios da cooperativa é ilimitado. Quer dizer, quanto maiores forem as suas prosperidades, maiores também maiores serão as probabilidades de admissão ao seu serviço de mais "chafeurs". — E quando se inicia a circulação dos "taxis"?

— Ainda não podemos fixar o dia. Depende de dificuldades a vencer, como é próprio dumha empresa dessa responsabilidade. No entanto contamos que até ao fim da semana que vem Lisboa possa rivalizar com as principais cidades do mundo, no respeitante ao serviço de "taxis".

Um aperto de mão punha fim à entrevista. Faltava, porém, uma experiência para o "reporter" avaliar a comodidade de um dos carros. E um dos "taxis", guiado por um dos cooperativistas saiu a ampla "garagem", conduzindo o "reporter" até ao Rossio, onde se apeou para vir à redacção oferecer a leitor o que acabou de ler...

— Pode explicar-nos as causas da carestia dos preços de corrida e da crise de trabalho?

— A carestia dos preços só se pode explicar no facto de Lisboa, só possuir 200 carros para uma população de 600.000 habitantes. Madrid tem 4.000 carros e Paris 13.000, todos "taxis", bem entendido. Se fizermos uma média por cada habitante, Lisboa fica a perder de vista. De forma que quanto menor for o número de carros ao serviço, maior dificuldade há em fazer diminuir os preços. Com os nossos carros a concorrer o público verá em quanto tempo está lesado.

— A crise de trabalho, prossegue o nosso entrevistado, será debelada quando houver um número grande de carros onde os "chafeurs" possam empregar os seus braços.

— E o público corresponderá ao vosso esforço?

— Assim o confiamos. Quando é nos reatar a sua confiança, que algumas irregularidades fizeram afastar, e que as vantagens sobre outros meios de transporte sejam manifestas, éle acorrerá porque a classe atravessa, crise que será debelada quando os nossos carros principiarem a fazer serviço.

— Pode explicar-nos as causas da carestia dos preços de corrida e da crise de trabalho?

— A carestia dos preços só se pode explicar no facto de Lisboa, só possuir 200 carros para uma população de 600.000 habitantes. Madrid tem 4.000 carros e Paris 13.000, todos "taxis", bem entendido. Se fizermos uma média por cada habitante, Lisboa fica a perder de vista. De forma que quanto menor for o número de carros ao serviço, maior dificuldade há em fazer diminuir os preços. Com os nossos carros a concorrer o público verá em quanto tempo está lesado.

— A crise de trabalho, prossegue o nosso entrevistado, será debelada quando houver um número grande de carros onde os "chafeurs" possam empregar os seus braços.

— E o público corresponderá ao vosso esforço?

— Assim o confiamos. Quando é nos reatar a sua confiança, que algumas irregularidades fizeram afastar, e que as vantagens sobre outros meios de transporte sejam manifestas, éle acorrerá porque a classe atravessa, crise que será debelada quando os nossos carros principiarem a fazer serviço.

— Qual a tabela de preços?

— A tarifa n.º 1 dos serviços de ida e volta ou contínuos (1 a 4 pessoas) é a seguinte:

a) pelos primeiros 800 metros ou fração, 3\$00; b) por cada 300 metros a mais ou fração, \$00; por cada cinco minutos de espera ou fração, \$00.

— Os serviços para fora de Lisboa far-se-ão pela tarifa n.º 1 e quando seja só de ida o cliente pagará o regresso. A bagagem com peso superior a 30 quilos, por cada 4\$00 de tarifa ou fração, um suplemento de 1\$00.

— Manuel Faustino de Oliveira tem uma breve pausa, e depois dumha leve operação acrescenta:

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Manuel Faustino de Oliveira tem uma breve pausa, e depois dumha leve operação acrescenta:

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar o preço de algumas, tornando como ponto de partida o Rossio: Para Graca, 9\$00; ida e volta, 12\$00. Ao C. Grande, 18\$00; ida e volta, 24\$00; Ao C. Pequeno, 12\$00; ida e volta, 18\$00; A' Estrela, 12\$00; ida e volta, 18\$00. A Algés, 30\$00; ida e volta, 40\$00.

— Para o que o público se apreenda melhor o quantitativo de cada corrida, vamos explicar

"RENOVAÇÃO"

Como foi recebida a nossa revista pela imprensa portuguesa da América do Norte

Do antigo jornal da colónia portuguesa de New Bedford *O Independente*:

Renovação.—Sub a alta competência dos srs. Gonçalves Vidal e Alexandre de Assis, apareceu em Lisboa esta importante revista quinzenal de arte, literatura e actualidades, propriedade da empresa.

De esplendoroso aspecto gráfico e esmerada colaboração artística a *Renovação*, é, a bem dizer, a melhor revista que no seu gênero circula na capital portuguesa.

As suas diversas secções são bom o exemplo do gosto artístico que revelam os seus ilustres diretores, que, para além da *Renovação*, está manejando um futuro digno de todos os nossos encantos.

O presente número da *Renovação* é colaborado por distintos jornalistas e escritores, como sejam Hento Faria, Mário Domingues, Augusto Pinto, Ferreira de Castro, Eduardo Frias, etc., etc.

E' representante nessa cidade o sr. José Martins Maia a quem endereçamos os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta feita à nossa redação.

De *A Imprensa*, jornal republicano português de New Bedford:

Recebemos o primeiro número da *Renovação*, revista de formato octavo, ilustrada a cores e dedicada à Arte e que se publica em Lisboa.

Tem explodidos artigos, e com especialidade um ao qual mais tarde nos referiremos e talvez transcreveremos na *Imprensa*.

Accitamos a permitir e fízemos às origens do colega em tudo que seja para desenvolvimento literário e artístico do nosso povo.

Da *A Alvorada*, importante diário também de New Bedford:

Renovação é o título dum excelente revista quinzenal de Arte, Literatura e Actualidades, que acaba de sair a lume em Lisboa, editada pelo quadro redactorial de *A Batalha*.

O seu artigo de apresentação, de que transcrevemos o princípio, diz tudo:

Mais não se torna necessário para apresentação dum número tão brilhantemente aparece ao mundo que lá e necessita de novo ar—mais prou de beleza, de sentimento e de amor.

Renovação, que tem os seus escritórios redacionais e administrativos na Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º, Lisboa, e dirigida pelo sr. Gonçalves Vidal, tem como seu representante neste país o sr. José Martins Maia—57 Nelson St., New Bedford, a quem agradecemos o exemplar com dedicatória que se dignou enviar-nos.

Também o jornal monárquico *A Tradição*, de New Bedford, se refere amavelmente a nossa revista que classificou de interessante.

AS GREVES

Parceria dos Vapores Lisbonenses

Carpinteiros navais

Recemos esta madrugada comunicação que lôrava resolvida, em assembleia geral d'este organismo, retornar o trabalho em tódas as oficinas com exceção da Parceria dos Vapores Lisbonenses.

A direcção do sindicato recomenda a todos os componentes da classe que não devem voltar a trabalhar na citada Parceria sem que ultiores resoluções, tomadas em assembleia geral, o determinem.

Colónia da Guarda

A comissão eleita no dia 29 p. p. para elaborar as bases do Grupo Excursionista de Propaganda da Guarda, convida as pessoas interessadas a comparecerem hoje pelas 16,30 horas, na Calçada de Santo André, 1-A, 1.º, a fim de se discutir o projecto do regulamento.

REPAROS DESCABIDOS

Da C. G. T. enviamos a seguinte nota: "Tendo chegado ao conhecimento do comité confederal da C. G. T., que tem sido notado e comentado o facto de militantes da organização operária viajarem no caminho de ferro em 1.ª classe, vem este comité esclarecer que os militantes, com os quais isso tem acontecido, são os que têm saído em serviço de *A Batalha*, como seus representantes, tendo direito a viajar nessa classe em virtude de contratos existentes entre este jornal e as companhias de caminhos de ferro.—O comité confederal."

LEIAM AMANHÃ

O SUPLEMENTO SEMANAL DE *A BATALHA*

SUMÁRIO:

Carta-aberta a um livre-pensador, por Bento Faria.

Dispersão proletária—Intolerância e personalismo, por Nogueira de Brito.

O dia 2 de setembro de 1792.

Carta a um negro sobre a escravatura, pela Voz que clama no deserto.

Os maus hábitos, por D. L.

A epopeia do Trabalho—As costureras, por Ferreira de Castro, com desenho de Roberto Nobre.

Ecos da Semana, por F. de C.

Crónica internacional.

Os exames nos liceus, pelo professor A. Santos.

Como a Indústria funcionava sob o Império Romano, por Paul Louis.

O que todos devem saber, Chico, Zecas & C. — com gravuras.

O tenente Deslandes, de cavalaria, também nega a sua compariçâo no movimento, declarando que não entra em revoluções, sejam elas quais forem. Foi encarregado da defesa do quartel do batalhão de telegrafistas. A noite deu parte de doente.

O tenente Eduardo Pinto Correia afirma ter sido um dos dirigentes do movimento. Conta que tendo ido fazer um reconhecimento foi atacado a bomba por indivíduos entre os quais se encontrava "Bela Kuhn", que classifica de bandido. As expressões do réu forçaram o juiz a dizer-lhe que empregasse expressões mais correctas.

O nosso colega de imprensa sr. Felix Correia encontra-nos uma carta na qual afirma, sob sua palavra de honra que o alferes sr. Carvalho Nunes não esteve na Rotunda, durante o 18 de Abril.

O serviço dos correios

O comodismo da Administração Geral prejudica os jornais, os seus assinantes e os carteiros

Houve tempo em que os assinantes dos jornais os recebiam por volta das 9 horas, e a correspondência chegava aos jornais pouco depois dessa hora.

Essas distribuições dos correios foram-se lentamente retardando, de modo que, actualmente, tanto a correspondência para os jornais como a destes para os assinantes só é entregue pelas 12 horas, tendo entrem a correspondência para os diários sido distribuída apenas às 13,30 horas.

Acontece isto porque a Administração Geral, por desleixo e por comodismo, vendo diminuir o pessoal de distribuição, não providenciou como devia, de modo que agora um só empregado é sobrecarregado com a acumulação de três serviços.

Esse empregado, por esse excessivo excesso de trabalho, pois carregam grandes pesos nestes dias de calor, recebem, além do seu salário, 2500, quando um homem, cujo trabalho eles acumulam, perceberia 2450.

Quer dizer a Administração dos Correios está prejudicando o público com uma má distribuição de correspondência e está realizando economias à custa de grandes sacrifícios do pessoal.

A despeito dessas economias, arrancadas à saída dos distribuidores, e da deficiente distribuição de correspondência, as taxas postais continuam caríssimas.

O porte para os jornais portugueses destinados ao estrangeiro é de \$32, enquanto que um jornal francês, por exemplo, é portado para aqui em 10 céntimos, que, ao câmbio, equivalem a \$09,5.

O que faz, em que pensa a Administração dos Correios, que não atende como é seu dever a estas coisas?

Teatro Nacional

O Diário de Governo deve publicar amanhã a portaria nomeando para as vagas existentes na Sociedade Artística do Teatro Nacional Almeida Garrett, para centro de comédia, o actor António Pinheiro, com 9 1/2 décimos de parte inteira, e para característico o actor Joaquim de Oliveira, com 7 décimos de parte inteira.

PERSEGUIÇÕES

Incomunicável há 80 dias

No sombrio calabouço da esquadra dos Terramoto encontra-se preso e incomunicável há 80 dias, Manuel Pereira, que se não sabe de que é acusado, e a quem a saúde vai faltando.

Tal situação é inadmissível por bárbara, por infânia, por ilegal.

Com que direito as autoridades, que existem para fazer cumprir as leis, as atropelam para manterem um indivíduo quase trinta meses numa situação inquisitorial?

As famílias dos deportados

Para tomarem conhecimento dum assunto importante convidam-se as famílias dos deportados a comparecerem amanhã, às 13 horas, na sede da C. G. T.

A brandura dos costumes policiais...

Quando ontem, cerca das 12 horas, se encontravam vários cauteleiros, no Rossio, à rua do Amparo, como de costume em dias de sorteio, aproximou-se o cívico n.º 531, que, sem motivo algum, prendeu um deles.

Como se isto ainda fosse pouco o referido guarda foi desde a rua do Amparo até ao posto do Teatro Nacional a bater desmalmente no priso.

Há cidades onde a determinadas horas os transeuntes têm de acudir com os que vivem do roubo. Em Lisboa dá-se o contrário, é preciso andar sempre com cuidado por causa das fírias de que muitos polícias costumam ser acometidos.

Assistência infantil

As 1.700 crianças que constituem o 4.º turno para os banhos na praia da Cruz Quebrada, começam hoje o primeiro banho, tendo como as anteriores, almôço e jantar naquela praia.

A concorrência deve ser grande, atendendo a que a beleza do local, a amabilidade do dia, o chifreiro ensurdecedor da petizada, tudo emfim, contribui para gozar umas horas num divertimento?

Não vale a pena comentar. Registamos o facto, para que se veja o estôdio de que são feitos estes firanetes.

Quanto ao segundo, sendo natural de Benavente onde tem a sua família e os seus amigos, é naturalíssimo que se esquecesse por lá algum tempo; e, sem querermos penetrar nos domínios dos regulamentos internos do colosso, supomos que o delin-

quento é juntamente com os que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase sempre galante do padre Tobias—é menos compensador do que o é de *esgaravar* nos *Salgados* pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sincerdade e legalidade, fez passar as gerações mísio do rico proprietário Estevan Augusto de Oliveira, da Alcochete.

Mas é isso era, no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o desplante de as fechar com o sacramento!

É chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Há-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase sempre galante do padre Tobias—é menos compensador do que o é de *esgaravar* nos *Salgados* pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sincerdade e legalidade, fez passar as gerações mísio do rico proprietário Estevan Augusto de Oliveira, da Alcochete.

Mas é isso era, no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o desplante de as fechar com o sacramento!

É chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Há-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase sempre galante do padre Tobias—é menos compensador do que o é de *esgaravar* nos *Salgados* pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sincerdade e legalidade, fez passar as gerações mísio do rico proprietário Estevan Augusto de Oliveira, da Alcochete.

Mas é isso era, no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o desplante de as fechar com o sacramento!

É chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Há-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase sempre galante do padre Tobias—é menos compensador do que o é de *esgaravar* nos *Salgados* pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sincerdade e legalidade, fez passar as gerações mísio do rico proprietário Estevan Augusto de Oliveira, da Alcochete.

Mas é isso era, no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o desplante de as fechar com o sacramento!

É chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Há-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase sempre galante do padre Tobias—é menos compensador do que o é de *esgaravar* nos *Salgados* pertencentes à Junta da Freguesia, que, com a máxima sincerdade e legalidade, fez passar as gerações mísio do rico proprietário Estevan Augusto de Oliveira, da Alcochete.

Mas é isso era, no tempo em que o padre, como presidente da Junta de Freguesia, lavrava actas desde a primeira à última palavra, com se fosse o secretário, tendo até o desplante de as fechar com o sacramento!

É chegou a manifestar desejos de tomar lições de caligrafia com alguém para conseguir o almejado emprego!

Um médico! Um funcionário municipal, cumulado de favores pelos colossos!

Há-de ficar certos de que temos sempre uma pedra para arremessar, certeira, a quem se lembar de pôr em dúvida a lealdade dos nossos processos.

Bem sabemos que o papel inglório de que nos encarregamos, de *esgaravar* nas per-

das—na frase

Chaparia A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelistas
Grande sortimento em chapéus, ligeiros e medianos em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE



Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO

Chapeu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: -31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: -Rua das Poias de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: -Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: -Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS - Chapeu modelo Jaures (Exclusivo)

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de preguiça tem dado lugar a que ainda hoje se consomem em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas madeira, Touros, Etc.

MARCAS REGISTADAS pressa de Limas União Torm Peiteira, Ltd., rivalizam em preços e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cár, para marcenários, serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores do mundo! Um milheiro, 2500! Por gulosos, 2500! Por tubos, 2500! AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, 2500! Tubos fechados e abertos, lampadas, picos, molas, rodas ócias e massões. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA FILHO, Rua Andrade, 45, 2.º — LISBOA.

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

É inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800

“Reumatina”

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias —

Pó Anti-bienorrágico

É o mais poderoso combatente das bienorrágicas crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes,

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

FÁBRICA

deladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Reiszeiros, 125 — LISBOA.

aproximam adoram-no, estimam-no, abençoam-no! Que vos direi dele! Tem a mansidão do cordeiro, a beleza do cisne, e a coragem do leão!

— A coragem do leão! repetiu Tiago Darc com admiração. O nosso jovem senhor bateu-se então bravamente, amigo mensageiro?

— Se lhe dessem ouvidos, já se teria feito matar

cem vezes à frente das tropas que lhe são fieis! respondeu Gillon inchando as faces. Porém a vida do nosso augusto senhor é tão preciosa, que os fidalgos da sua família e do seu conselho, opuzeram-se a que

ele arriscasse os seus dias de uma maneira que eu me

atreveria respeitosamente a qualificar... de inutilmente heroica! De que serviria esse heroismo! os soldados

que ainda seguem a bandeira real estão completamente

desanimados pelas desastrosas derrotas; o maior nú-

mero dos bispos e dos senhores, declararam-se vergonhosamente pelo partido dos bourguinhões e dos in-

gléses. Todos abandonam o nosso jovem príncipe, e

talvez que bem depressa, forçado a abandonar a Fran-

ça, não ache no reino de seus pais um abrigo para

repousar a cabeça! Maldita, três vezes maldita seja

sua mãe Isabel da Baviera! Essa mulher perdeu o

nossa desgraçado país e causou as desgraças do nosso

delfim!

Chegada a noite, Gillon agradeceu ao lavrador de

Dormeny a sua hospitalidade, montou a cavalo, e

partiu; a família Darc, depois de ter lamentado a triste

sorte do jovem rei, fez a sua reza da noite, e cada

qual se foi deitar.

.....

Joana, nessa noite não adormeceu tão depressa

como de costume. Silenciosa e atenta à história do

mensageiro, tinha, pela primeira vez ouvido palavras

dolorosamente indignadas a respeito das devastações

dos ingleses, e dos infortúnios do gentil delfim da

Francia. Tiago Darc, sua mulher e seus filhos depois

da partida de Gillon, tinham ainda por muito tempo

conversado e lamentado as desgraças públicas.

Joana que havia x'gum tempo muitas vezes chorava

Valério, Lopes & Ferreira, L. L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — garnições para móveis —

Chapa ferro, preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPAR. 86 — LISBOA — TELEF. fono. 3330. N. gramas, FERRAGENS

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PÚBLICO

9.º aditamento ao Aviso ao Públ. A. n.º 53

Serviço que prestam as estações, apeadeiros, despachos centrais e cais desta Companhia

CAIS FLUVIAL DE LISBOA — MAR

A partir de 10 de Setembro de 1925 a nota 17 do Aviso ao Públ. A. n.º 53, referente ao serviço que presta o cais fluvial de Lisboa-Mar, passará a ter a seguinte redacção:

“Recebe e expede remessas de mercadorias, animais e veículos tanto em grande como em pequena velocidade, devendo, porém, todas as remessas de grande velocidade, a expedir ou a receber em Lisboa-Mar, ficar sujeitas à aplicação da taxa prevista na Tarifa de Despesas Acessórios para as ‘transferências entre cais da mesma estação’, sempre que a essas remessas não seja aplicada tarifa em que Lisboa-Mar se acha expressamente indicada como procedência ou como destino.”

“Para as remessas de v. destinadas a Lisboa-Mar ou dati expedidas, a Companhia reserva-se o direito de ampliar em mais 12 horas os respectivos prazos de transporte.”

Ficam em tudo o mais em vigor as disposições do referido Aviso ao Públ. A. n.º 53 de 26 de Dezembro de 1922.

Lisboa, 29 de Agosto de 1925.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

AOS MARCENEIROS BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-55-75-90, desde

Castanho seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

Freijo seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

Carvalho seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

Amieiro seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

Urno seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

Taboinha seco, serrado, em 25-55-75-90, desde

aparecida, em 25-55-75-90, desde

Ilhão, desde

Garranho gareta, 2 filhos, desde

Guaricudo soco e grade, desde

Cimalhas freijo p. guarda-pratas, desde

Balaustres c. 4-5-6-7-8-9, desde

Macetas c. 1-2-3, desde

Pés de amieiro c. 5-10-11-12-13, desde

Colunas nogueira para guarda-pratas,

Colunas amieiro para guarda-pratas,

Tabelas para guarda-pratas e apuradores,

Tabelas completa para toilettes, 2 hastas (ornato),

68 — Campo dos Mártires da Pátria — 68 J. FERREIRA

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — 1/4 horas.

Cirurgia — operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Rins, vénas urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Fele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — II — 10-11-12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Sohn — 4 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 4 horas.

Estômaco e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Rego X — Dr. José de Pádua — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriel Beato — 1 horas.

AS OURIVESARIAS DA FIRMA

Peixoto, Pinheiro & Maia, Lda.

R. da Palma, 14 e 16

R. da Boa Vista, 22

E DA FIRMA

Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda.

R. de São Paulo, 31

R. de São Paulo, 114

são as que mais se limitam

TELEFONES: C. 1322-N. 5117

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como ‘todas ócias’ maciças, tubos, molas, chaminés de 2 a 5 peças, lampás, vendem-no no Largo Conde Barão, n.º 15 e quinze.

A BATALHA

O número de amanhã do Suplemento de A BATALHA marcará mais um êxito
do brilhante semanário de crítica e de doutrina social

8 HORAS DE TRABALHO

A greve dos mobiliários de Guimarães mantém-se com heroica persistência

GUIMARÃES, 4.—Continua com a mesma persistência a greve de protesto dos operários do mobiliário desta cidade.

Os industriais Neves e C. Lda mantêm-se com mesma feroz intransigência, espedindo reduzidos os grevistas pela fome. Esta altitude miserável mostra bem o espírito de avida ganância dos industriais que esperam esmagar o seu pessoal, confiados na fôrça do seu dinheiro—dinheiro roubado ao suor dos seus explorados.

Os referidos operários que estão na disposição de continuar o seu movimento até à completa vitória, têm demonstrado uma solidariedade admirável, evidenciando pela sua heroica resistência, formidáveis qualidades para a luta. Esta greve é uma magnifica lição que os operários do mobiliário de Guimarães estão dando às classes operárias, mostrando assim a fôrça considerável que representa um grupo de homens quando sabem identificarse, unindo-se na mesma aspiração.

Alguns dos operários em greve já abandonaram esta cidade em busca de trabalho, devendo a não poderem manter-se, a elas e a suas famílias. Preferiram abandonar a cidade a entregar-se; traindo os seus interesses e a justa causa dos seus camaradas. É fácil de concluir que quando uma classe mostra esta consciência, não é fácil que os industriais a consigam vencer pela fome.

A maioria do pessoal em greve continua na cidade e está disposta a tudo menos a transigir com os seus exploradores.

Este movimento pró-8 horas de trabalho deve merecer a simpatia e a solidariedade de todos os trabalhadores.

—Há dias, quando no jardim público tocava a banda do regimento de infantaria, 20, um grupo de operários que ali se encontrava ouviu música fôrma mandados abandonar o local pelo chefe dos zeladores municipais, alegando que eles não podiam ali conservar-se, porque usavam tamancos! Os referidos operários não obedeceram aquela estupida ordem, mantendo-se no jardim até ao final da audição da banda militar.

O referido zelador municipal foi duramente combatido pela sua grosseira atitude.

Os operários metalúrgicos e da construção civil de Tórras Novas esquecem os seus direitos

TORRES NOVAS, 1.—E' deveras lâstima o que se está passando com os operários das indústrias metalúrgica e da construção civil.

Para qualquer delas deixou de existir o horário de oito horas, pois que a maioria dos operários trabalham dez horas por dia, estando os metalúrgicos da casa Nery a ganhar, com esse horário, o mesmo salário drs oito horas.

Deve-se isto em grande parte ao abandono a que essas classes têm votado os seus sindicatos, pois não se reúnem as assembleias gerais nem as comissões administrativas para se ocuparem deste assunto como era seu dever.

Que esses operários saiam da apatia em que vegetam e reorganizem os seus sindicatos o mais depressa possível, adquirindo a força necessária a impôr o respeito pelas suas regalias, eis os nossos mais ardentes desejos—C.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Este organismo comunica a todos os sócio licenciados das obras do Estado que em vista de ainda não ter sido publicado no Diário do Governo a autorização dos duodécimos, não podem ainda ser readmitidos a trabalhar, esperando este organismo que isso se dê na próxima semana.

Corticeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 4.—O delegado do governo nesta localidade assumindo uma atitude coerente com a sua função de fazer cumprir as leis do país autuou o industrial corticeiro Claudio Rodrigues.

Este explorador ao saber que tinha sido autoindignou-se e criticou violentamente o seu pessoal chegando a praticar a vilania de despedir um operário por este ter declarado que trabalhava 10 horas em troca do irrisório salário de 10 escudos.

Este industrial chegou ainda ao desplante de querer obrigar uns dos seus operários a junto do delegado do governo declarar que as 8 horas eram cumpridas!

—Os industriais corticeiros vêm provocando sistematicamente uma crise na indústria para obrigar os operários a acatarem uma redução de salários.

Os industriais desta vila desrespeitaram as resoluções tomadas pela Associação Industrial Portuguesa quando se tratava de aumento de salários e agora estão dispostos a acatar a redução de salários!

O que é para lamentar é a inconsciência com que os operários corticeiros se prestam ao seu jôgo, aceitando a redução de salários.

EM SANTAREM

Congressos Operários

SANTAREM, 3.—Há grande interesse na realização dos congressos operários que estão aí aí para se reunirem a cidade scalabitana. Em 20, 21 e 22 deve efectuar-se na sala de sessões da Associação dos Empregados no Comércio, o Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal; e nos mesmos dias funcionará na sala de sessões do Grémio Operário o Congresso dos Trabalhadores Rurais.

Estes congressos têm despertado o maior entusiasmo já porque são conhecidas as teses que nele vão debater-se, já porque precedem o I Congresso Confederal e IV Nacional Operário, que, espera-se, se efectuará no moderno e amplo teatro Sá da Bandeira. Bom será que os trabalhadores em geral se tornem confeiteiros dos palpitantes trabalhos a ventilar para assim ajuizar do valor e importância destes congressos—C.

Ainda as infâmias da reacção romana

Historiando a acção da «Justiça» de Kitchinev

Ainda os processos da Federação Marítima

A "unidade sindical" dêles!

Quando em Setembro do ano passado rebentou a revolta dos camponeses na Bessarábia meridional, o governo romano, reconhecendo toda a responsabilidade que tinha no caso, conservou durante uma semana o maior silêncio sobre os acontecimentos.

Durante esse tempo, o quartel general romano cercava com artilharia toda a região revoltada e submetia, durante bastantes horas, uma população sem armas e sem defesa a um intenso bombardeamento.

Foi assim que, dos quatro mil camponeses que habitavam a região, mais de dois mil foram mortos pelos obuses.

Entre aqueles que, numa corrida desesperada em direcção ao Dniester, puderam escapar ao massacre, 200 foram presos de novo, lançados para uma cave estreita, onde deviam ser de novo massacrados. As tropas fizeram fogo pelo respiradouro da prisão, ocasionando 50 mortos. Os 150 sobreviventes, bem como outros camponeses completamente estranhos à revolta e cujo único crime consistia em viverem naquele lugar, foram transportados de mãos algemadas para Kitchinev.

Os castigos aos prisioneiros

Mal chegaram a Kitchinev foram entregues à Justiça militar, como sucede todas as vezes que se trata de trabalhadores.

O oficial encarregado de formar o processo de todas estas vítimas, foi um ex-sargento, protótipo da brutalidade, chamado Marin Tudor, perfeitamente analfabeto e cujos únicos métodos consistiam nas injúrias e nas violências corporais.

Sob a ameaça do chicote, os prisioneiros eram interrogados, devendo declarar os nomes dos seus pais, dos seus amigos, enfim de todos aqueles, com quem estavam em relações mais ou menos diretas, isto com o fim de poderem prender estes últimos e por sua vez fazê-los sofrer durante algum tempo as torturas da prisão embora tivessem que os pôr pouco depois em liberdade.

Foi dessa maneira que 200 camponeses, cujo único crime tinha sido o de terem falecido na véspera aos revoltados, foram martirizados durante bastantes meses na prisão de Kitchinev e só agora foram postos em liberdade.

Os advogados são impedidos de entrarem na prisão

A entrada de cada aldeia podem-se ver pequenos monticulos de terra recentemente remexida. São os tumulos comuns das vítimas assassinadas.

O terror na região é tão grande que os camponeses evitam encontrar-se restando a chama a atenção dos carrascos. Centenas de testemunhas foram tratadas como réus e lançadas por sua vez na prisão. Mesmo aqueles que puderam provar que estavam ausentes no momento da insurreição, nem mesmo estes puderam evitar a brutalidade dos carcereiros.

Não só foi negado aos advogados o direito de irem ver os seus clientes, como foi impossível obter a lista completa dos prisioneiros.

Torturados há quase um ano, os prisioneiros viram-se obrigados a recorrer à greve de fome. Ninguém pôde obter informações do seu estado, salvo os enviados do jornal policial *L'Universal*, que pagou para enganar a opinião pública, oussaram afirmar que nenhum dos acusados se queixava do regime e da alimentação da prisão.

—Sabem os leitores porque procedia assim este organismo que tinha excepcionais interesses em viver de perta a vida e aspirações de todos os marítimos para bom cumprimento da sua missão?

Simplemente por isto: Quando o sindicato deu a adesão à federação comunicava a este organismo dizendo que o seu delegado ao conselho devia respeitar a orientação da C. G. T., porque a ela estava aderente e com cuja direcção concordava.

—Será avançar nas nossas deduções? Juíguemos que não.

Porque ultimamente foram apreendidos uns barcos e alguns arrais multados, assunto que brevemente traremos, o sindicato, ou por outra, uma comissão nomeada em assembleia para o assunto, dizendo que pagava todas as despesas, pediu um delegado a Federação—e a resposta foi a mesma: o silêncio!!!

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque estando este sindicato longe da porta, e não tendo possibilidades de se desconfederar, a melhor maneira dos homens da F. M. conseguirem os seus desígnios de «bots abaixo», o sindicalismo era abandonar o sindicato para ele se perder o descontentamento...

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque estando este sindicato longe da porta, e não tendo possibilidades de se desconfederar, a melhor maneira dos homens da F. M. conseguirem os seus desígnios de «bots abaixo», o sindicalismo era abandonar o sindicato para ele se perder o descontentamento...

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa entrar já nessa altura de relações cortadas com a C. G. T. (momento que podia aproveitar para que este sindicato fosse fechado?)

—Porque procedia assim a Federação, deixa